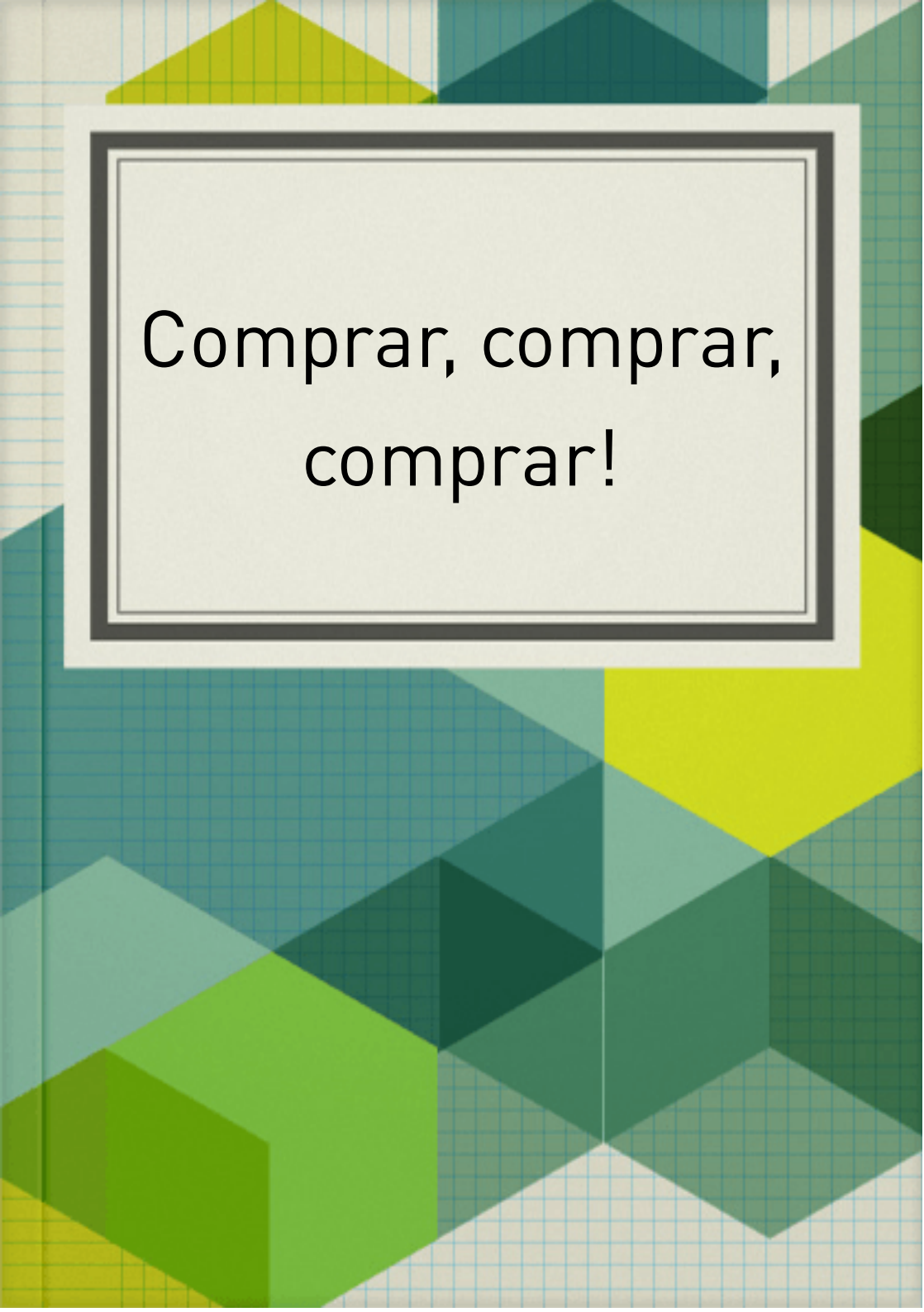




Comprar, comprar,
comprar!

O Rúben era um rapaz que passava a vida no centro comercial. Só queria comprar roupas de marca. Só comia pizzas ou hambúrgueres. Só via o mundo pelo cinema. Só falava com os amigos nos corredores apinhados de gente. Só sabia que era primavera quando das montras retiravam os casacos e vestiam os manequins com roupas leves, coloridas.

Quando chegava o seu dia de anos, era sempre um problema escolher o que oferecer ao Rúben.

- Que prenda gostavas de receber? – perguntaram-lhe os pais quando faltava uma semana para essa data maravilhosa: 29 de Junho.

Ele não se atrapalhou. - Ah, quero tantas coisas... jogos novos para a minha consola, um blusão de marca, uma camisola igual à do Cristiano Ronaldo, uma televisão 3D, um smartphone, livros de aventura, uma mochila almofadada, uns ténis com rodas e luzes, uma caderneta dos craques de futebol, uma caixa gigante de chocolate, um porta-chaves com lanterna, uma trotineta com motor, uma guitarra, um carro telecomandado, um...

- Mas que loucura! – exclamou a mãe. – Pensas que somos milionários?

- Ora – replicou o Rúben, - para que serve o dinheiro?

O pai estava estupefacto.

E se não o tiverem, podem usar o cartão de crédito.

- Ao que nós chegamos! Só gastar.

Compram agora, pagam depois. É o que toda gente faz

- Claro! – disse o rapaz. – O meu sonho era ter uma

máquina multibanco portátil para estar sempre
prevenido, com notas a saltar a toda a hora...

Nas noites seguintes, os pais, em vez de ficarem
paralisados diante da televisão, como era hábito,
puseram-se a cochichar.

Chegou finalmente o grande dia. A sala estava
enfeitada com balões e um bolo de anos resplandecia
em cima da mesa. Mas não se vislumbrava qualquer
embrulho. Os pais deram-lhe os beijos da praxe e
entregaram-lhe um envelope.

- Dinheiro! – entusiasmou-se ele. – Só pode ser
dinheiro! Assim escolho a prenda à vontade.

Abriu o envelope, radiante. Como é bom comprar,
comprar, comprar!

Que desilusão, encontrou apenas um bilhete de
camioneta para Vilar de Lagartixas.

- Que brincadeira de mau gosto é esta! – gritou o
Rúben. – Se acham que devo viajar, porque não vamos
até às ilhas Seicheles, porque não fazemos um safari
no Quénia ou subimos ao topo dos arranha-céus de
Nova Iorque? Na América há, de certeza, centros

comerciais fantásticos. Vilar de Lagartixas não vem
A mãe ainda deixou uma lágrima do olho esquerdo,
anunciado nas agências de viagens... Que vão pensar
mas o pai mostrou-se intransigente:
os meus colegas?

- Só te vai fazer bem conhecer uma terra diferente,
onde não se passa a vida a gastar dinheiro.

O Rúben escondeu de toda a gente o seu destino.

Que vergonha!

Que desilusão.

No dia da partida para Vilar de lagartixas, o rapaz fez a
mala a contragosto e embarcou, furioso, numa
camioneta desengonçada. Desligou o telemóvel,
rasgou o papel de carta que lhe tinham dado.

Ninguém havia de ter notícias dele. Era a sua
vingança.

Passaram os dias, as semanas e mais dois meses.

As aulas iam recomeçar.

Que seria feito de Rúben? Teria conseguido sobreviver
numa aldeola perdida, sem centros comerciais? Teria
enlouquecido?

Foi com preocupação que a família o esperou na
estação rodoviária no dia da sua chegada.

Em vez de sair de um autocarro de passageiros, desceu de uma camioneta de carga. A princípio nem conseguiram reconhecê-lo. Vinha mais alto, entroncado, com um sorriso nos lábios.

- Então? Conheceste a pobreza?

- Não! – respondeu o rapaz com convicção. A mãe ficou admirada.

- Disseram-me que nem há luz elétrica naquele lugarejo.

- Mas milhares de estrelas iluminam a noite – explicou ele. – É uma maravilha!

A irmã franziu o nariz.

- Mas têm piscina?

- Para quê? Havia de ver a praia junto ao rio. Pode-se nadar, passear de barco, pescar trutas.

- Eu não podia viver sem piscina... continuava ela, sempre preocupada com a elegância.

- Não encontrei naquela terra balofas como tu. As pessoas fazem exercício ao ar livre, a passear e a trabalhar. Tu pagas para dar meia dúzia de braçadas num tanque metido entre quatro paredes... És mesmo parva.

O pai estava a desconfiar de tanta mudança.

- Não tiveste saudades do nosso carro? Insististe tanto para eu comprar este modelo...

- Ora, montei cavalos, que correm sem precisarem de estradas.

Depois, muito sério – até já parecia o avô Augusto, cruzou os braços e disse:

- Fizeram bem em mandar-me para lá. Descobri que o dinheiro não é tudo na vida. Tive tempo para pensar e trouxe-vos uns presentes...

Trepou para a traseira da camioneta e apareceu com um leitão que logo começou a grunhir.

- É para tu criares, mãe. As bifanas do talho não se comparam com as dos porcos caseiros.

- Que horror! Onde é que eu meto este bicho nojento? Só se for dentro da banheira...

O rapaz foi novamente até à camioneta e retirou uma cerejeira, que entregou à irmã.

- Mana, não há brincos mais lindos que cerejas acabadas de colher. E, para provar que era verdade, pendurou-lhe dois frutos bem vermelhinhos numa orelha.

- Como é que eu planto esta árvore, se nem temos varandas? – exasperou-se ela.

No entanto, o melhor estava ainda para vir.

Foi pela terceira vez à camioneta, assobiou e de lá saltaram cindo cães muito peludos.

- Como vocês queriam comprar um alarme por causa dos assaltos, agora têm o problema resolvido. Com estes guardas ninguém entra lá em casa. Não tive uma boa ideia?

O pai empalideceu. Cinco cães! Quem é que ia passear com eles? Punham-se a dormir na sala? Que despesa para dar de comer e tanta canzoada!

Meteram-se no carro, apertados entre a árvore, o porco, os canídeos a ladrar.

- Para já fica tudo na garagem do prédio! – resolveu o pai.

O Rúben ria à gargalhada, a irmã troçava, os pais afligiam-se num desespero.

- Ó mano, não tens saudades do centro comercial? Podíamos ir comer uma piza... - lembrou a irmã.

- Mas onde deixamos os presentes? – retorquiu a mãe. – Em casa, não, que me sujam tudo!

- No carro ainda menos, que me destroem os estofos – retorquiu o pai.

- Ótimo! Vão connosco! – decidiu logo o Rúben. – Mas quero ir a pé! Hoje já fiz 400 quilómetros sentados... até estou enjoado.

A mãe mal consegui andar na calçada com as botas de salto altos, muito fininhos, que se metiam entre as pedras. A irmão cansava-se, gorda como era. O pai via-se aflito com os cinco cães à trela, cada um a puxar para seu lado. O Rúben divertia-se com a árvore debaixo do braço e o leitão às costas. As pessoas paravam nos passeios para admirar aquela família extravagante.

Finalmente chegaram. O segurança não queria deixá-los entrar, mas o pai calou-o logo.

- Somos vendedores. Esta é a nossa mercadoria.

Dirigiram-se à loja dos animais e aí o pai e a mãe despacharam logo os cães e o porco. De seguida, entraram na loja de plantas e a dona comprou-lhes imediatamente a cerejeira. Fazia um vistão no meio dos vasos com flores.

- Fizemos um bom dinheiro com as prendas que trouxeste de Vilar de Lagartixas! - exclamaram os três.

A irmã estendeu-lhe uma nota de 5 euros. A mãe estendeu-lhe duas notas de 10 euros. O pai estendeu-

lhe uma nota de 100 euros.

- Agora já podes comprar algumas das prendas que querias para os teus anos. Estás contente?

- Não diziam que eu era um consumista? Que só queria gastar dinheiro? Pois vou já comprar bilhetes de camioneta para irmos todos passar férias juntos, no Natal, a Vilar de Lagartixas!

FIM